

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS

ÉRIKA DA SILVA SANTOS

**DISCURSO, CRISE ECONÔMICA E PANDEMIA: O GESTO DE
INTERPRETAÇÃO NA REVISTA CARTA CAPITAL**

Maceió
2024

ÉRIKA DA SILVA SANTOS

**DISCURSO, CRISE ECONÔMICA E PANDEMIA: O GESTO DE
INTERPRETAÇÃO NA REVISTA CARTA CAPITAL**

Trabalho apresentado como requisito para a conclusão do curso de Letras Português da Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Helson Flávio da Silva Sobrinho

Maceió
2024

Ao meu irmão,
José Edson Lucas da Silva

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as determinações históricas constitutivas do funcionamento do discurso que articula crise econômica e/ou crise pandêmica, no Brasil, a partir de enunciados veiculados na revista CartaCapital, entre os anos de 2020 a 2021. O trabalho está filiado à perspectiva da Análise do Discurso (AD). No caso em estudo, foi realizada uma análise discursiva sobre a crise e as contradições da formação social capitalista. Para tanto, utilizou-se como principal base teórica os escritos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, bem como o filósofo István Mészáros e seus respectivos estudos sobre a crise do capitalismo. O *corpus* da presente pesquisa foi elaborado a partir de buscas no *site* da revista CartaCapital, em formas de dizeres como: crise e/ou crise econômica, pandemia e/ou crise sanitária, economia e pandemia, economia e covid-19. Após essa etapa realizamos o recorte das sequências discursivas (SD) a fim de identificar as estratégias e os mecanismos discursivos que a revista utilizou para significar a crise econômica e a pandemia no Brasil. Como resultados, destacamos que o discurso posto em circulação pela revista CartaCapital buscou falar sobre o surgimento da crise, e, ao mesmo tempo, responsabilizar o governo Bolsonaro pelo enlace entre crise econômica e crise pandêmica. Nossa conclusão é que a revista assume uma posição crítica e, ao questionar sentidos e ações sobre as crises no Brasil, sinaliza, na materialidade discursiva, a oportunidade de pensar mudanças políticas e econômicas.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Revista CartaCapital; Crise econômica; Crise pandêmica; Capitalismo.

ABSTRACT

This research aimed at comprehending the constitutive historical determinations of the operation of the discourse which articulates the economic and/or pandemic crisis of the new coronavirus, in Brazil, stemming from statements divulged in the Carta Capital magazine, between the years 2020 and 2021. The work is related to the perspective of Discourse Analysis (DA). In the case at hand, we did a discourse analysis about the crisis and the contradictions of the capitalist social formation. For such, we had as main theoretical foundation the works by Eni Orlandi and the philosopher István Mészáros. This research's corpus was drawn up from searches on the Carta Capital magazine's website, in the forms of terms such as: crisis and/or economic crisis, pandemics and/or sanitary crisis, economy and pandemics, economy and Covid-19. After that stage, we set out to do the contour of the discursive materialities, which we called discursive sequences (DS). In the results, we highlighted that the discourse released by Carta Capital sought to talk about the emergence of the crisis and also to demand the government's accountability in the linkages between the economic and pandemic crises. We have concluded that the magazine assumes a critical position, and that by questioning the meanings and actions regarding the crises in Brazil, it signals, in its discursive materiality, the opportunity of thinking about political and economic change.

Keywords: Discourse Analysis; CartaCapital Magazine; Economic Crisis; Pandemic Crisis; Capitalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA.....	10
2.1 Filiação teórico-metodológica	10
2.2 Constituição do <i>corpus</i>	11
3 ANÁLISE DAS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS	14
3.1 Na crise do coronavírus, Bolsonaro e seu desgoverno estão do lado da morte	14
3.2 A crise não espera	22
4 CONCLUSÕES	34
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), bolsa CNPq, e está vinculado aos trabalhos desenvolvidos junto ao grupo de pesquisa Discurso e Ontologia Marxiana — GEDOM (UFAL), especificamente a partir do projeto intitulado *Discurso, crise econômica e pandemia: o gesto de interpretação na revista CartaCapital*, produzido durante o ciclo 2021/2022, orientado pelo professor Helson da Silva Sobrinho. Também é resultado do programa de reserva de vagas para estudantes negras/os (cotas), que funciona efetivamente a garantir que pessoas negras possam ingressar em espaços historicamente ocupados por pessoas brancas.

Objetiva-se apresentar os resultados de uma análise acerca da manifestação discursiva que envolve crise econômica e pandemia da Covid-19, a partir de dizeres no formato títulos de matérias que circularam no *site* da revista Carta Capital, durante o período de 2020 a 2021, no Brasil, levando em consideração que esses dizeres são carregados de sentidos que se manifestam por meio do discurso.

A nossa filiação teórica e metodológica é a Análise do Discurso Materialista (AD), na perspectiva de Michel Pêcheux. Assim, é preciso destacar que estamos tomando posição por uma perspectiva crítica da linguagem, a qual trabalha a língua em sua inscrição material nas práticas dos sujeitos, pressupondo o social, o histórico, o ideológico, o político e, sobretudo, a luta de classes.

Buscamos compreender como os dizeres sobre a crise econômica e a crise pandêmica se articulam e circulam na sociedade brasileira e como os discursos, inscritos no veículo de “informação” CartaCapital, sugerem supostas soluções para a/as crise/s e/ou ainda o que os discursos sobre a crise econômica e pandêmica revelam sobre o modo de ser do sistema capitalista.

Notadamente, os portais digitais de informação ocupam, hoje, um grande público pela proposta de entregar notícias com agilidade e praticidade. Qualquer pessoa com um *smartphone* ligado à internet pode acompanhar notícias sobre o mundo em tempo muito próximo aos acontecimentos.

Nos trabalhos anteriores, realizados durante minha estadia no Programa de Iniciação Científica (PIBIC), foi possível perceber que os sentidos de crise vinculados aos sentidos da pandemia da Covid-19 (SARS-CoV-2) se manifestam numa cadeia diversa de significados. A nossa hipótese é a de que esse movimento acontece porque estávamos diante de um acontecimento em escala global, o que, por consequência, diz sobre como as classes sociais vão sendo diferentemente afetadas.

Ao cruzarmos, no menu de buscas da revista, dizeres sobre crise e/ou crise econômica aos dizeres sobre a pandemia da Covid-19, nos deparamos com enunciados como: “crise sanitária”, “crise pandêmica”, “crise da Covid-19”, “crise para quem?”, “crise humanitária”, “crise em cemitério”, “crise ambiental”, “crise hídrica” etc.

Entendemos esse movimento como reflexo das implicações históricas mediadas pelo discurso através da ideologia e da forma como os sujeitos elaboram seus dizeres na história, o que atesta o confronto simbólico e político entre sujeito e discurso (Orlandi, 2020).

A partir disso, elaboramos uma proposta de pesquisa que visa analisar os dizeres sobre a crise entendendo-a como um processo estrutural a partir, principalmente das contribuições de István Mészáros. Portanto, pensamos a crise como um processo que diz sobre os modos de significar do sistema capitalista, pressupondo que há uma forma material na significação, mediada pelo modo como os sujeitos se inscrevem na língua (Pêcheux, 2014).

Conforme o portal de notícias UOL, com base na Organização Mundial de Saúde (OMS), o coronavírus

[é] um vírus que causa uma doença respiratória — a Covid-19 — pelo agente coronavírus, [e foi] identificado em dezembro de 2019 na China. Os coronavírus são uma grande família viral, conhecidos desde meados de 1960, que causam infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Geralmente, infecções por coronavírus causam doenças respiratórias leves a moderadas, semelhantes a um resfriado comum (UOL, 2020)¹.

O vírus surgiu num panorama mundial e teve os primeiros casos registrados no Brasil por volta de fevereiro de 2020 (OMS, 2020). Pouco tempo depois, em março de 2020, com o avanço da contaminação, a organização declarou quadro de pandemia para o período da doença. Destacamos que o termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de Covid-19 em vários países e regiões do mundo (OMS, idem).

Ainda em meados de março de 2020, governadores iniciaram, por conta própria, sem o apoio do Governo Federal, o processo de *lockdown*, que determinava o isolamento em prol da diminuição de contágio e de mortes.

Pontos como estes nos auxiliam a perceber as condições de produção do discurso, de onde podemos analisar os movimentos/percursos através dos quais a revista elabora dizeres a respeito da crise aliada à Covid-19 no Brasil.

¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/01/25/tire-suas-principais-duvidas-sobre-o-coronavirus-que-se-espalha-pelo-mundo.htm>.

A seguir, apresentamos as seções que norteiam os resultados deste trabalho, a saber: Metodologia; Análise das sequências discursivas e Conclusões. Esperamos que este trabalho sirva de incentivo para desencadear outras pesquisas que tenham como parâmetro avistar criticamente a nossa existência no mundo através do discurso na sua imbricação linguístico-histórica.

2 METODOLOGIA

2.1 Filiação teórico-metodológica

Nossa filiação teórica e metodológica é a Análise do Discurso materialista, cuja proposta visa observar o discurso como mediação entre o homem, sua realidade natural e social, assim, compreendemos o discurso enquanto palavra em movimento, prática social (Orlandi, 2020).

Fundada em 1969, com os trabalhos de Michel Pêcheux, a escola francesa de Análise de Discurso se baseia em três campos de estudo: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. No entanto, a relação da Análise de Discurso com esses três campos científicos se dá de modo a questionar a Linguística por deixar de lado a historicidade, a buscar no Marxismo o simbólico e, na Psicanálise, aliar a historicidade à ideologia, ou seja, considerar a ideologia materialmente relacionada ao inconsciente (Orlandi, *idem*).

Em tese, a Análise de Discurso trabalha com a língua no mundo, com maneiras de significar, levando em conta a produção de sentidos enquanto parte de nossas vidas. O discurso, dessa maneira, é efeito de sentidos mediado pela linguagem, através de suas condições materiais e históricas (Pêcheux, 2014). Portanto,

a língua [para a AD] não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica, etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso (Orlandi, 2020, p. 19).

Desse modo, percebemos o processo de “transmissão de informação” como a relação entre sujeitos e sentidos afetados pela história e pela ideologia. Como o sentido é uma produção historicamente determinada, fazer análise do discurso exige levar em consideração a historicidade das relações sociais e dos sujeitos na concretude da formação social — no caso em estudo, da formação social capitalista brasileira. Nosso dispositivo analítico está amparado

no pressuposto de que os discursos não são simples “informações”. São, portanto, efeitos de sentido os quais buscamos aqui destacar o funcionamento (Orlandi, *idem*).

2.2 Constituição do *corpus*

Em relação ao *corpus*, destacamos os discursos produzidos pela revista Carta Capital, uma revista semanal brasileira de informações gerais, publicada pela Editora Basset Ltda., de modo digital e impresso. A Carta Capital, conforme manifesto presente em seu *site*, atua, desde 1994, com o jornalismo focado em despertar a diversidade e o pensamento crítico. E foi

[...] concebida como uma alternativa às revistas similares que existiam então (e que efetivamente dominavam o mercado): *Veja e IstoÉ*. Como não foi possível superá-las, em termos de fatia do mercado, assumiu ao longo do tempo uma postura de análise crítica, mais do que sua apresentação ou explicação. A revista possui, em contraste às supracitadas, uma equipe pequena (apenas 11 jornalistas) e procura dar uma visão aos acontecimentos da semana diferente das apresentadas pelos demais semanários e jornais ².

Para a Análise de Discurso, conforme nos diz Pêcheux (2014, p. 147) “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais elas se inscrevem.”

Por isso se faz relevante destacar que a Carta Capital é uma mídia jornalística que atua tanto no formato impresso, com a Revista Carta Capital, como no formato digital com a plataforma online Carta Capital, que conta com alguns eixos editoriais como, Política, Economia, Sociedade, Justiça, Diversidade, Cultura, Educação, Saúde, entre outros. Neste trabalho nos interessa os discursos veiculados na plataforma digital da Carta Capital, que no seu fazer jornalístico se apoia em três princípios:

Missão: Despertar o pensamento crítico por meio de um jornalismo honesto em defesa da diversidade de ideias e de um país mais desenvolvido, justo e democrático. Em múltiplas plataformas, a qualquer tempo, sem se dobrar a pressões de qualquer natureza.

Visão: Manter CartaCapital como a maior referência em jornalismo progressista no Brasil, em qualquer plataforma.

Valores: Respeitamos a inteligência do público e a verdade factual. Combatemos o pensamento único e o autoritarismo. Abraçamos a diversidade, a honestidade, o debate de ideias e a busca pela excelência. Defendemos a igualdade, o Estado Democrático de Direito, a inclusão social e o desenvolvimento econômico sustentável (CartaCapital, 2023a, grifo do autor).

² CARTACAPITAL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=CartaCapital> > oldid=63538326>. Acesso em: 7 mai. 2022.

Em seu site, a Carta Capital apresenta-se ao seu público através de um manifesto, o qual destaca, entre outros aspectos, o modo da revista de fazer jornalismo:

As tecnologias mudam os meios, não a mensagem.
O jornalismo vigia a fronteira entre a civilização e a barbárie. Fiscaliza o poder em todas as suas dimensões. Persegue incansavelmente a verdade factual.
Respeita a inteligência de quem lê, ouve ou assiste.
Está a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra a escuridão do autoritarismo do pensamento único, da ignorância e da brutalidade.
CartaCapital pratica jornalismo em sua essência, crítico e transparente, desde a sua fundação, em 1994. Pois não há esperança de sobrevivência humana sem homens e mulheres dispostos a dizer o que acontece, e o que acontece porque é (CartaCapital, 2023b).

Ao contrastar seu modo de produzir jornalismo com mídias de caráter mais mercadológico, a revista assume uma postura crítica frente à ação distributiva de informação. Segundo Orlandi (2020), enquanto se produz material discursivo para circulação também se realiza um processo de significação que implica uma posição sujeito. Assim, compreendemos que a revista busca uma visão consciente e política da sua existência, do seu modo de produzir. O que não significa que não haja contradições em suas produções, pois o discurso deriva e age sobre o real, sobre a incompletude (Pêcheux, 2014).

Optamos por esse campo discursivo porque, segundo Ramires (2017), “a lógica do jornalismo se baseia em um ideal de neutralidade e imparcialidade, apresentando ao público evidências de verdade e isenção no que é veiculado pela mídia” (p. 47). No entanto, na Análise de Discurso (AD), o discurso produz efeitos a partir de uma posição-sujeito determinada, que está em constante relação com a história e a ideologia (Orlandi, 2020).

Dessa forma, entendemos que o jornalismo desempenha um papel fundamental na disseminação de narrativas sobre a crise, sobretudo por seu caráter distributivo, que faz parte do dia a dia da população.

Pensando sobre as crises do capitalismo, podemos dizer, de acordo com Paniago (2012b), que “como vivemos numa sociedade de classes, tais classes experimentam os efeitos da crise de forma bastante desigual, além de se verem comprometidas com sua solução também de pontos de vista de classes diferentes” (p. 59-60). Portanto, é comum que os discursos da revista sobre os efeitos da crise se reproduzam de modo variado, ainda que busquem “falar” sobre a mesma coisa.

Conforme Marques et al (2021), “a pandemia de Covid-19 provocou a maior crise econômica da história recente do capitalismo, [...] o que resultou em alta significativa do desemprego, da desigualdade e da pobreza” (p. 10). A partir das contribuições das autoras, pode-se dizer que vivemos historicamente uma crise de caráter polissêmico, cujos sentidos

parecem estar ligados a temas como saúde, prevenção, colapso, etc. Porém, o que percebemos são sentidos que se espalham por diversas Formações Discursivas. Pêcheux (2014) chama de Formação Discursiva “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito* (p. 147)”

Diante desse pressuposto, constituímos o *corpus* começando pela de-superficialização dos títulos de matérias, realizada através de um trabalho de busca no *site* da revista, a partir das palavras/expressões: “crise” e “crise econômica”, “pandemia” e “crise sanitária”, “economia” e “pandemia”, “economia” e “covid-19”, entre outras. Após a coleta dos materiais discursivos, iniciamos a realização dos recortes representativos das Sequências Discursivas (SD) para análise e discussão, seguindo as pistas que direcionaram as estratégias e os mecanismos discursivos que a revista Carta Capital utiliza para significar a crise econômica e a pandemia no Brasil.

De acordo com Courtine (2009, p. 54), “a operação de extração do *corpus* consiste primeiramente em delimitar um campo discursivo de referência (...) impondo aos materiais uma série sucessiva de restrições que os homogeneizem.” No caso da nossa análise, utilizamos como referência o discurso sobre a crise econômica no período da pandemia de Covid-19 no Brasil.

Vale ressaltar que a análise se iniciou pelos títulos das matérias, porém, devido à necessidade e a relevância do material, utilizou-se também os respectivos artigos das matérias a fim de aprofundar a reflexão sobre o discurso da revista. No total, foram selecionadas 74 (setenta e quatro) recortes discursivos, sendo destacadas para as análises 25 (vinte e cinco) matérias publicadas entre os anos de 2020 e 2021.

Em resumo, estabelecemos os seguintes procedimentos metodológicos: a) estudo bibliográfico sobre a Análise do Discurso materialista, com base nos escritos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi; b) estudo bibliográfico sobre a crise estrutural do capital, em István Mészáros e outros/as autores/as; c) pesquisa para coleta de material discursivo no site da revista Carta Capital; d) análise das sequências discursivas que articulam crise econômica e crise pandêmica; e) a partir da análise dessas materialidades discursivas, verificou-se a trajetória dos sentidos sobre a crise econômica em sua articulação com a pandemia do novo coronavírus, acompanhando, através da relação entre o dizer e as condições materiais de produção, o movimento dinâmico e contraditório da formação social brasileira.

3 ANÁLISE DAS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

3.1 Na crise do coronavírus, Bolsonaro e seu desgoverno estão do lado da morte

Esta seção apresenta os dizeres recortados da revista, em formato de títulos de matérias, sob o formato de Sequências Discursivas, bem como as respectivas análises e discussões acerca dos discursos sobre a crise e o vírus da Covid-19 no Brasil, dividida em dois blocos que seguem a ordem anual de 2020 e 2021, como ordem de apresentação das sequências. Vale dizer que esta ordem também é uma escolha que faz parte do procedimento analítico, isto seja: uma organização que implica no gesto de análise.

Para iniciar as análises das matérias datadas em 2020, selecionadas no procedimento de recorte de materialidades, apresentamos seis títulos:

- SD1: Coronavírus em São Paulo: governo cria comitê de crise e monitora casos suspeitos (jan. 2020)
- SD2: Em meio à crise do coronavírus, Bolsonaro convoca “panelaço” a favor do governo (mar. 2020)
- SD3: Empatia, esperança e fé: o que podemos aprender com a crise do coronavírus (mar. 2020)
- SD4: “Momento de guerra”, dizem governadores do NE sobre crise do coronavírus (mar. 2020)
- SD5: Bolsa brasileira tem o pior desempenho do mundo com a crise do coronavírus (mar. 2020)
- SD6: Governo corta Bolsa Família de 158 mil famílias em meio à crise do coronavírus (mar. 2020)

Como dito anteriormente, os primeiros casos confirmados de contaminação pelo vírus SARS-CoV-2, no Brasil, foram registrados a partir de fevereiro de 2020. No entanto, em janeiro do mesmo ano, já havia indícios de contaminação e suspeita de casos, como se vê na SD1: *Coronavírus em São Paulo: governo cria comitê de crise e monitora casos suspeitos*. A palavra crise, apesar de apresentada como um complemento, já evoca, através da memória discursiva, uma significação: a de gravidade.

A memória, nesse caso, aciona as condições de produção do discurso que sustentam a significação sobre surgimento do vírus, o que se traduz em alerta: crise. “O que chamamos memória discursiva: é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (Orlandi, 2020, p. 29).

Esse movimento de sentidos que articula a palavra “crise” ao coronavírus, mesmo antes da confirmação de casos no Brasil, se dá porque o discurso é atravessado pelo processo histórico vivido em outros países que passaram pela contaminação mais cedo, cujos casos acompanhamos, principalmente, pelas plataformas digitais de informação. Vemos como a palavra *coronavírus* no início da sentença vai desencadeando uma série de sentidos até chegar em “crise”: “em São Paulo” — localizando os casos suspeitos — “governo cria e monitora” — estabelecendo as ações do governo frente aos casos suspeitos — “comitê de crise” — dizendo sobre a gravidade preestabelecida pela história do vírus em outros países.

A sequência discursiva 2 tensiona os sentidos e formula o seguinte: *Em meio à crise do coronavírus, Bolsonaro convoca “panelaço” a favor do governo*. Conforme a Carta Capital (2020b), no dia 18 de março de 2020, o Brasil já contabilizava mais de 370 casos de contaminação por Covid-19. Mesmo assim, destaca a revista, a preocupação do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) era a sua imagem frente aos protestos que cobravam melhorias na educação e na saúde. Esse discurso contrasta a relação entre a crise do coronavírus e as ações do Governo Federal.

A ação de complementar a crise com *coronavírus* acontece na tentativa de intensificar o alerta sobre a gravidade do vírus, sobretudo em relação às ações do governo. O silêncio também se torna um fator importante no funcionamento dessa SD, ao ponto que, quanto mais silêncio se instaura na posição do governo ao coronavírus, mais espaço se tem para a mídia interpretar esse movimento, isto é: o silêncio, pelas condições de produção, significa descaso, abandono.

A sentença, seguindo esse modo de pensar, interpreta que o presidente (à época) estaria claramente mais preocupado com sua imagem do que com o processo de contaminação de um vírus letal, ainda sem previsão de vacina. Os sentidos de alerta associados à crise se mantêm.

Na sequência discursiva 3 — *Empatia, esperança e fé: o que podemos aprender com a crise do coronavírus* —, pontuamos uma nova articulação, desta vez, pela polissemia entre “crise do coronavírus” e “fé”. Em texto da matéria, a revista diz:

E não estou falando do “cristianismo” propagado por falsos profetas (incluindo pastores e oradores espíritas), mercadores da fé, irresponsáveis, que, ao invés de suspender cultos, palestras, missas, zelando pela saúde de seus irmãos e irmãs, preferem atribuir a forças malignas toda essa calamidade. Se uma força maligna tem contribuído para toda essa situação, ela se chama capitalismo. Ela mesma que, quando associada à fé, produz estragos em todo mundo (Félix, 2020).

Temos dois sentidos em conflito que representam a palavra “fé”, nesta SD: de um lado, uma fé que propaga a morte e, do outro, uma fé que propaga a vida. Essa relação acontece pela

relação de forças que se faz presente na comunicação através do imaginário de fé, termo que convoca sentidos relacionados a sujeitos de autoridade, como padres, pastores, figuras que detêm poder sobre um determinado público. Diante disso, compreendemos que na “crise do coronavírus” o discurso pode dizer quem vive e quem morre. A matéria de caráter denunciativo retoma os sentidos de fé para reafirmar a Igreja enquanto uma instituição do Estado que, neste momento histórico, exercia seu poder sobre a vida das pessoas.

É interessante ressaltar como esses sentidos sobre a crise, sustentados pelo poder, resultam numa crítica radical ao sistema capitalista. Ao final da matéria, a revista diz: “Se uma força maligna tem contribuído para toda essa situação, ela se chama capitalismo (Félix, 2020)”.

Isso se dá porque “as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (Orlandi, 2020, p. 40, grifo nosso). Assim, diremos que a revista vai construindo seu discurso com base no que defende e acredita, seguindo as bases ideológicas em defesa da vida.

Até o presente momento, os sentidos sobre a crise e o coronavírus seguem ligados a uma crítica/denúncia cuja direção aponta para instituições que fazem parte do Estado, representadas pela figura do ex-presidente Bolsonaro, bem como por instituições religiosas, como a Igreja, e pelo próprio modo de funcionamento do sistema capitalista.

Outro ponto importante desse bloco de análise se inicia com a sequência discursiva 4: “*Momento de guerra*”, dizem governadores do NE sobre crise do coronavírus.

Trata-se de outro movimento de intensificação da crise. Saímos de *casos suspeitos* em janeiro de 2020 para *momento de guerra* em março do mesmo ano. Esse movimento diz sobre a velocidade da contaminação por Covid no Brasil, mas também mantém o discurso de denúncia da revista sobre o abandono do Governo Federal em relação ao povo brasileiro neste momento de colapso.

De acordo com o mapa do coronavírus, no final de março, o Brasil já contava mais de 5 mil casos de infecção e mais de 150 mortes por Covid-19. Entretanto, conforme consta em matéria da revista, os governadores declaram: “Ficamos frustrados com o posicionamento agressivo da Presidência da República, que deveria exercer o seu papel de liderança e coalizão em nome do Brasil (Galvani, 2020a)”.

O processo de crescimento da crise associado ao abandono por parte do governo de Bolsonaro gera também uma intensificação que se mantém pela paráfrase e pela relação de forças: agora quem fala são também os governadores, são eles que tomam para si o discurso denunciativo e dizem “momento de guerra”.

Na sequência discursiva 5 — *Bolsa brasileira tem o pior desempenho do mundo com a crise do coronavírus* —, a revista desliza o discurso para o campo econômico.

Nessa sequência, a matéria, ao trazer o tema economia, se limita a dizer sobre a queda da lucratividade em diversos países do mundo, incluindo o Brasil, por consequência da doença. Vale ressaltar que o “desempenho do mundo com a crise do coronavírus” se resume à sobrevivência das grandes empresas, mantidas pela exploração da classe trabalhadora.

Mészáros, em ensaios reunidos por Ricardo Antunes, no livro *A crise estrutural do capital* (2011), comenta sobre como o “avanço” do capitalismo agrava o conjunto de setores que configuram a estrutura do sistema capitalista e como isto implica em um declínio que atinge principalmente as classes mais pobres. Não à toa,

[f]oi a população de renda mais baixa, que mora nas favelas, nos cortiços e na periferia das cidades, cujas condições de moradia são precárias, tanto em termos de espaço como de acesso à água corrente e ao saneamento básico, a que foi mais suscetível à contaminação do vírus e a que mais veio a óbito. Essa população, que em sua maioria exerce trabalho informal, é de maioria parda ou preta (Marques et al, 2021, p. 46).

Pensando junto com os autores, diremos que, ao ponto em que a revista significa crise do coronavírus e economia como sendo sentidos estritos à bolsa de valores, leia-se, ao capital financeiro, ela também abre espaço para que, pelo silenciamento, outro discurso aconteça. Dessa maneira e, conforme

[...] dados preliminares apresentados pela OIT [Organização Internacional do Trabalho] [já se] projetava a perda de 195 milhões de empregos em tempo integral já no segundo trimestre de 2020, sendo que 1,6 bilhão de pessoas, que viviam na informalidade, já estavam sofrendo com a destruição de suas próprias condições de sobrevivência ultraprecárias (Antunes, 2022, p. 21, *grifo nosso*).

Ao dizer “Bolsa brasileira”, a revista restringe os sentidos sobre a crise ao mercado financeiro, o que, por conseguinte, também demonstra o caráter discrepante do capitalismo e sua bolha cumulativa de riquezas. Enquanto isso, no movimento do silêncio, a classe trabalhadora significa economia como perda, como um retorno à miséria.

Isso acontece, pelo efeito ilusório de que o que se diz não é atravessado pela história e pela ideologia e que as palavras só podem significar de um modo, portanto, economia e coronavírus, nessas condições, só podem significar a sobrevivência do capital financeiro. Ao contrário, e, para a Análise de Discurso, pelas formações ideológicas, alguma coisa sempre fala antes, em outro lugar, independentemente (Pêcheux, 2014). Daí, podemos perceber os sentidos sobre a crise e a economia contrastando pela sociedade de classes.

Ricardo Antunes, no livro *Capitalismo pandêmico* (2022), ao citar David Harvey (2021), reflete como a pandemia apenas expõe o caráter de uma pandemia de classe, gênero e raça e, embora haja um discurso de que “estamos todos no mesmo barco”, sabemos que o valor

que se investe nas vidas da classe trabalhadora é muito diferente do valor investido nas vidas da classe burguesa.

Pode-se imaginar, então, o tamanho da tragédia na periferia, nos *tristes trópicos*... como é o caso do Brasil. Desde logo, teremos uma massa de trabalhadores e trabalhadoras sem condições mínimas de sobrevivência, tangenciando ou vivenciando uma fome profunda e sendo enterrada, aos milhares, nos cemitérios.

A esta simultaneidade e imbricação trágica entre *sistema de metabolismo antissocial do capital, crise estrutural e explosão do coronavírus* podemos denominar, se quiser usar uma síntese forte, capital pandêmico. Ele tem um claro caráter discriminatória em relação às classes sociais, pois sua dinâmica é muito mais brutal e intensa para humanidade que depende do próprio trabalho para sobreviver (Antunes, 2022, p. 22).

A partir dessas condições, onde a revista se inscreve discursivamente, refletimos também como os sentidos de valor vão se materializando na sociedade capitalista brasileira. A SD6 se faz um exemplo de como o fato de se “dizer o mesmo” não garante que os mesmos sentidos se sustentem.

Na sequência discursiva 6 — *Governo corta Bolsa Família de 158 mil famílias em meio à crise do coronavírus* — percebemos como a ideia de valor muda pelo deslocamento de sentido.

O termo *Bolsa Família* se refere ao programa que visa levar políticas públicas de combate à miséria no Brasil através de apoio financeiro realizado mensalmente pelo Governo Federal brasileiro. Destacamos que houve um deslocamento no sentido de valor, da SD5 para a SD6:

Bolsa brasileira (bolsa de valores) x *Bolsa família* (programa de apoio às famílias carentes)

Bolsa brasileira (SD5) resgata a ideia de que o valor está associado ao capital financeiro, enquanto *Bolsa família* (SD6) se destina a sentidos de assistência, de ajuda. Esse processo surge porque a crise afeta os sujeitos na sociedade capitalista de modos diferentes.

Enquanto a classe trabalhadora, fundamentalmente, sofre a crise, a classe capitalista se preocupa em agir imediatamente e intervir no curso da crise, pois, de outro modo, não conseguiria manter a reprodução ampliada do capital social global e preservar sua condição de proprietária privada dos meios de produção (Paniago, 2012, p. 59-60).

Por isso e pela percepção do funcionamento do silêncio, a composição discursiva garante que percebamos as classes sociais significando ideologicamente; sustentando o pré-construído sobre o que é crise e valor para uma classe e para outra. Isso porque, “[em] face da sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência)” (Orlandi, 2007, p. 29).

Destacamos ainda sobre o ano de 2020 outras materialidades, organizadas neste segundo bloco para melhor desenvoltura da discussão:

SD7: BNDES vai desembolsar 55 bilhões para ajudar empresas na crise (mar. 2020)

SD8: Em meio à crise do coronavírus, Planalto lança campanha “O Brasil não pode parar” (mar. 2020)

SD9: Crise do coronavírus pode custar ao Brasil quase 15 milhões de empregos (mai. 2020)

SD10: Na crise do coronavírus, Bolsonaro e seu desgoverno estão do lado da morte (mar. 2020)

Inicialmente, no primeiro bloco, refletimos sobre o discurso da revista Carta Capital acerca da crise do coronavírus como majoritariamente um discurso que se concentra em regiões semânticas de alerta aos desdobramentos do vírus na sociedade brasileira, principalmente em alerta à sobrevivência da classe trabalhadora.

Neste segundo bloco, percebemos que o que movimenta o discurso da revista sobre a crise, entre outros aspectos, é a ação de nomear. A revista mantém o discurso crítico em relação à estrutura social do capitalismo, questionando as faces da crise atual e expondo outras instituições que auxiliam no processo de intensificação da crise humanitária que o vírus da Covid-19 escancarou.

Iniciamos, então, nossas análises com a SD7: *BNDES vai desembolsar 55 bilhões para ajudar empresas na crise*. Essa organização discursiva nos leva a pensar sobre o processo de evidência de sentidos como um processo ideológico, atravessado pela história (Pêcheux, 2014), pois movimenta o discurso sobre a crise ligado a sentidos semelhantes aos da SD6 (bloco anterior), de modo que faz presente as relações sociais de força através da nomeação/designação.

Nesse sentido, a sequência discursiva 7 aciona os sentidos de ajuda (e não de investimento) através da figura do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o banco que, conforme a revista (2020d), estava ofertando a ampliação de crédito para pequena e média empresa. Vemos, então, um discurso direcionado aos empresários, ou melhor, aos pequenos/médios empresários. Neste caso, também se instala um silêncio sobre a pandemia, como se vê: *para ajudar empresas na crise*.

Nas sequências anteriores, a crise apareceu majoritariamente associada ao vírus da Covid-19, sobretudo na estrutura dos dizeres. Essa ruptura/polissemia aponta, em nossa leitura, a interlocução desse discurso ou a quem ele se destina, nesse caso, aos “empreendedores” que,

possivelmente, acreditam na crise como um *modus operandi* do mercado financeiro que independe do vírus SARS-CoV-2 para existir.

Conforme Antunes (2022),

[...] a pandemia ajudou a desnudar também a falácia daquilo que o empresariado denomina eufemisticamente "empreendedorismo" esse novo vilipêndio ideológico do capital que serve tanto para mascarar e obliterar as relações de assalariamento, como para esconder outra evidência cabal, dado que o capitalismo virótico não dispõe nem mesmo de uma política social mínima para amenizar o sofrimento dos desempregados. Recorre-se então à empulhação ideológica e a classe trabalhadora que se encontra na informalidade converteu-se, "num passe de mágica", em "novos empresários" ou "empreendedores" (Antunes, 2022, p. 34).

A questão trazida na citação acima por Antunes acerca da transformação do trabalho, aliada ao que aponta a revista sobre os investimentos em meio à crise, demonstra como outras instâncias do estado estão se movimentando em prol de soluções para a reprodutibilidade do capital. O investimento para empreendedores surge, em meio ao silêncio sobre a Covid-19, como uma estratégia de manutenção do trabalho, que se apresenta justamente como uma modalidade permitida diante das condições da pandemia, pois os sujeitos podem trabalhar de casa.

Nesse sentido, a SD8 compõe: *Em meio à crise do coronavírus, Planalto lança campanha “O Brasil não pode parar”*. Em texto presente na matéria, de acordo com a atualização diária do Ministério da Saúde sobre os casos de coronavírus, em março de 2020, um mês e poucos dias após o primeiro caso de covid confirmado, “o Brasil tinha 2.915 infecções confirmadas da covid-19 e 77 óbitos até o momento da campanha, segundo anunciado pela equipe de saúde (CartaCapital, 2020e, grifos nossos)”.

Pensando nisso, diremos que a revista significa a crise, nessa SD através da denúncia que faz em relação à campanha publicada pelo Planalto. Destacamos que a palavra *Planalto*, em busca no dicionário, pode significar figurativamente “o Governo do Brasil, o poder”, leia-se, à época, o governo Bolsonaro. A revista diz sobre o lançamento da campanha de modo a denunciar as intenções macabras do governo.

A campanha, reitera a revista, tinha como objetivo “incentivar que as pessoas voltem ao trabalho para retomar a atividade econômica do País (CartaCapital, *idem*)”. Portanto, “O Brasil não pode parar”, durante a “crise do coronavírus”, significa morte para a classe trabalhadora e vida para o capital financeiro, ambos simbólicos sempre em conflito nas discursividades analisadas. “De um lado, observa-se uma série de medidas voltadas para a recuperação do lucro dos capitalistas, e de outro, imposições restritivas e autoritárias sobre a classe trabalhadora, cujo resultado é a degradação da sua qualidade de vida e trabalho” (Paniago, 2012, p. 60).

A sequência discursiva 9 diz: *Crise do coronavírus pode custar ao Brasil quase 15 milhões de empregos*.

A revista faz um levantamento, a partir das análises feitas por economistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sobre o quanto a classe trabalhadora será afetada pela crise do coronavírus, num quadro pós-pandêmico.

Pensando junto de Orlandi (2020), diremos que não há como pensar o discurso como algo pronto e acabado, por isso, ao falar antes sobre crise e economia a revista concentrou seu olhar nos sentidos estritos do capital financeiro (Bolsa de valores) e, agora, ao falar sobre o mesmo tema, se concentra na previsão econômica para a classe trabalhadora. Isso acontece porque o discurso joga com o equívoco e com a incompletude e aí trabalha a polissemia, ou seja, a ruptura de processos de significação (Orlandi, 2020).

Antunes (2022) reitera a previsão dos economistas, ao dizer que

[...] vivenciamos uma economia em recessão que caminha para uma terrível e profunda depressão, conforme sugerem os dados de crescimento negativo para 2022. Não é difícil entender que tal tendência ampliou ainda mais o processo de miserabilidade de amplas parcelas da classe trabalhadora que já vivenciavam formas intensas de exploração do trabalho, de precarização, de subemprego e desemprego. Isso porque esses contingentes encontram-se frequentemente desprovidos de fato de direitos sociais do trabalho (Antunes, 2022, p. 23).

Por sua posição crítica, a revista caminha entre os discursos sobre um mesmo Brasil e um Brasil diferente; um Brasil da Bolsa de valores e um Brasil do Bolsa família; caminha entre a paráfrase e a polissemia, pois essas “duas forças trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente” (Orlandi, 2020, p. 34).

Ao avançarmos, temos a SD10: *Na crise do coronavírus, Bolsonaro e seu desgoverno estão do lado da morte*.

Mantém-se o discurso sobre as ações do Governo Federal frente à crise do coronavírus, agora materializado pelo segundo nome do ex-presidente, *Bolsonaro* (e seu desgoverno). Também retorna o que antes dissemos sobre a relação crise e coronavírus despertar os sentidos de vida e morte. A conclusão de que *Bolsonaro e seu desgoverno estão do lado da morte* funciona como método denunciativo porque há algo que fala antes sobre a posição dos governos de extrema direita que agiram sobre o Brasil, que agiram, sobretudo, para a classe trabalhadora como um simbólico de morte.

A filiação discursiva da revista determina o modo de significar através de cada situação dada. Na SD10, o que já foi dito e inscrito na história sobre a existência de governos de extrema direita no Brasil se instala no dizer.

Em nossa análise, destacamos que os percursos discursivos iniciais da revista sobre a crise sanitária e a pandemia de Covid-19 significam a crise como um processo histórico que se agrava com a chegada do vírus SARS-CoV-2 ao Brasil. Além disso, esse discurso serve como um ponto de partida para denunciar a ausência de políticas públicas eficazes de prevenção e o descaso do governo Bolsonaro, elementos recorrentes na maioria das sequências analisadas.

A abordagem da revista articula a crise sanitária e a econômica por meio de movimentos parafrásticos e polissêmicos, revelando diferentes camadas de significação. Enquanto a paráfrase estabilizou sentidos como “morte”, “momento de guerra”, “abandono”, “capitalismo” e “fê” – reforçando uma narrativa de desamparo e urgência –, em outros momentos, a crise foi associada a termos como “mercado financeiro”, “economia” e “bolsa de valores”, demonstrando uma tensão entre o discurso humanitário e o econômico. Essa dualidade evidencia como a revista não apenas descreve a crise, mas também se posiciona ideologicamente, alternando entre a crítica ao negacionismo e a adaptação a um cenário de incertezas capitalistas.

3.2 A crise não espera

Passemos agora às materialidades recortadas do ano de 2021 para darmos continuidade às análises, conforme o bloco 3:

SD11: Nossos dramas atuais – economia travada, crise sanitária, impeachment de Bolsonaro (jan, 2021)

SD12: Crise? Bilionários da área da saúde ficam ainda mais ricos na pandemia (fev, 2021)

SD13: Boulos: a destruição da ciência no Brasil não é crise, mas projeto (fev, 2021)

SD14: Centrais sindicais cobram auxílio emergencial de R\$ 600: ‘A crise não espera’ (mar, 2021)

SD15: Braga Netto anuncia os novos comandantes das Forças Armadas após crise provocada por Bolsonaro (mar, 2021)

SD16: Perigosa combinação de inação e erros levará o Brasil a crise humanitária, diz estudo (abr, 2021)

Sobre o período de 2021, destacamos que

[n]o final da quinta semana epidemiológica de 2021, no dia 6 de fevereiro de 2021, o Ministério da Saúde (MS) já contava 9.497.795 casos e 231.012 óbitos decorrentes da Covid-19 no território nacional. No conjunto do país, a taxa de letalidade estava em 2,4% e acusava 1.099 óbitos por 1 milhão de habitantes, muito acima da média mundial (Marques et al., 2021, p. 45).

Nesse contexto, a sequência discursiva 11 surge tal qual um resumo parcial dos enfrentamentos da crise no Brasil: *Nossos dramas atuais – economia travada, crise sanitária, impeachment de Bolsonaro*.

Percebemos como a crise passa a ser lida, aqui, como um processo diverso de acontecimentos, a revista não se concentra, como no bloco anterior, a dizer a crise associada principalmente ao coronavírus. O fragmento *economia travada, crise sanitária, impeachment de Bolsonaro* também podem ser lidos como crises ou como parte agravadas por uma crise maior.

Mészáros comenta que

[...] à medida que os sintomas de crise se multiplicam e sua severidade é agravada, parece muito mais plausível que o conjunto do sistema esteja se aproximando de certos *limites estruturais* do capital, ainda que seja excessivamente otimista sugerir que o modo de produção capitalista atingiu seu ponto de não retorno a caminho do colapso (Mészáros, 2011, p. 41, *grifo nosso*).

Pelo discurso da revista conseguimos perceber o funcionamento de diferentes Formações discursivas significando a crise, isso, porque esses sentidos já significam em conjunto em outros lugares, historicamente; o surgimento do vírus apenas faz com que esses dizeres retornem sob o efeito de “crise”. Isso é possível de se notar mais claramente se acionamos o não-dito na SD11:

Nossos dramas <i>atuais</i>	→	Nossos dramas <i>antigos</i>
-----------------------------	---	------------------------------

Trata-se, portanto, de uma atualização da crise, uma metamorfose, como bem coloca Paniago: “O capital encontra as maneiras mais variadas de contornar as dificuldades históricas impostas ao seu livre desenvolvimento expansionista, não importando por quais metamorfoses tenha que passar, ou quais formas políticas tenha que adotar” (Paniago, 2012, p. 33).

Sobre a seguinte sequência discursiva (SD12) — *Crise? Bilionários da área da saúde ficam ainda mais ricos na pandemia* —, a partir da pergunta “Crise?” No início da sentença, podemos pensar: Crise para quem?

Para a AD, os efeitos de sentido são determinados socialmente em uma cadeia ideológica que, neste caso, retornam sob a perspectiva da luta de classes. Desse modo, os sentidos de crise se materializam diferentemente. Tendo isso em vista, para pensarmos na resposta/denúncia que surge após a pergunta, na SD12, podemos então relembra a fala de Mészáros acerca da relação simbiótica que os grandes campos econômicos possuem com as crises estruturais:

[...] é compreensível que aquele relacionamento pode ser - e isso ocorre com frequência - administrado com práticas absolutamente corruptas pelas personificações privilegiadas do capital, tanto nos negócios como na política. Mas não importa quão corruptas possam ser tais práticas, elas estão plenamente em sintonia com os contra valores institucionalizados da ordem estabelecida. E - dentro da estrutura da simbiose prevalecente entre o campo econômico e as práticas políticas dominantes - são legalmente bastante permissíveis, graças ao mais dúbio e, muitas vezes mesmo evidente, antidemocrático papel facilitador da selva legislativa impenetrável proporcionada pelo Estado também no domínio financeiro (Mészáros, 2011, p. 25).

Levando isso em conta, é possível que a crise produza sentidos de oportunidade. É interessante notar também que, pelo discurso de caráter denunciativo (sustentado pela paráfrase, desde o início das análises), a revista vai mantendo uma posição ideológica frente à crise, expondo uma crise de caráter desigual através do efeito de informação.

A SD13: *Boulos: a destruição da ciência no Brasil não é crise, mas projeto* possibilita um contraste aos sentidos de saúde na sociedade brasileira capitalista, vejamos:

SD12: Crise? *Bilionários da área da saúde* ficam ainda mais ricos na pandemia



SD13: *Boulos: a destruição da ciência no Brasil não é crise, mas projeto*

Esse movimento entre saúde e ciência se dá pois os sentidos estão o tempo todo em conflito e se atualizam pela imposição da história. A revista, em matéria da SD12, diz que “a crise provocada pela pandemia do novo coronavírus, que afeta a maioria dos brasileiros, fez bilionários da área da saúde ficarem ainda mais ricos” (CartaCapital, 2021a). Enquanto isso, diz a matéria da SD13: “Todos estamos acompanhando com apreensão o processo de vacinação contra a Covid-19 no Brasil. Há, infelizmente, real possibilidade de faltarem doses nas primeiras fases de imunização. E, mantendo-se o ritmo atual, o país demoraria quatro anos para alcançar a chamada imunidade de rebanho” (Boulos, 2021).

A questão que salta pelas condições de produção da crise do coronavírus no Brasil sobre os sentidos de saúde é a evidência da luta de classes materializada no discurso. Para Werneck e Carvalho (2020)

[...] o Brasil, neste contexto, enfrentava desafios maiores do que aqueles vivenciados por outros países, posto que possui uma enorme desigualdade social, com uma massa expressiva vivendo em condições precárias de habitação e saneamento, sem acesso sistemático à água e em situação caótica de aglomeração (Werneck; Carvalho, 2020, p. 1).

Pensando por esse caminho, diremos que há aí uma filiação tensionando os sentidos sobre uma crise sanitária altamente letal que pode sim significar positivamente para os *Bilionários da área da saúde* e negativamente para a *ciência* e para aqueles que mais necessitam

dela no Brasil, sobretudo se lembrarmos o desmonte dos direitos básicos sociais que enfrentávamos neste período.

A matéria da SD12 complementa o que observamos, ao destacar que “no geral, a média das fortunas dos 53 membros brasileiros da lista dos mais ricos do mundo saltou de 2,28 bilhões para 3,53 bilhões de dólares, uma valorização de 54,82% em menos de um ano” (CartaCapital, 2021a).

Em contraste a este quadro, verifica-se na SD13:

[...] mesmo com instituições de excelência como o Instituto Butantan e a Fiocruz, o Brasil [dependeu] do fornecimento da vacina de outras nações. Essa dependência não se explica pelo fato de o País não ser “desenvolvido”. A Índia tem um PIB per capita quatro vezes menor do que o nosso e tem planos de produzir 1 bilhão de doses. Isso não tem a ver apenas com a força econômica das nações, mas principalmente com o nível de investimento em pesquisa, ciência e inovação (Boulos, 2021).

Por isso, *a destruição da ciência no Brasil não é crise, mas projeto*; um projeto macabro de sustentação da riqueza do capital, mesmo que às custas das vidas da classe trabalhadora. Esse jogo também atesta o confronto entre simbólico e político, através das palavras dos sujeitos, pois o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia (Orlandi, 2020).

Com o *lockdown* iniciado em 2020 (isolamento temporário para combate à contaminação do vírus), houve profundo recuo dos níveis de atividade, registrando quedas substanciais do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, o que resultou em alta significativa do desemprego, da desigualdade e da pobreza (Marques et al, 2021).

Desse modo, no dia 31 de março de 2021, “[...] as maiores centrais sindicais do Brasil se manifestaram em defesa do pagamento do auxílio emergencial de 600 reais, em meio à pior fase da pandemia do novo coronavírus” (CartaCapital, 2021b). Em vista disso, a revista noticia, SD14: *Centrais sindicais cobram auxílio emergencial de R\$ 600: ‘A crise não espera’*.

Em 2021, o vírus da Covid-19 já estava instalado na sociedade brasileira por seus resultados funestos e, ainda hoje, continua a trazer desdobramentos negativos à classe trabalhadora que se encontra ainda mais desamparada. As sequências discursivas deste bloco até o presente momento não trazem complementos ao elaborar o texto: crise. A crise é a crise. Seus sentidos estão postos.

Em outras palavras, o silêncio sobre a Covid-19 significa que diversos setores da sociedade brasileira estão em colapso. Basta vermos as vozes da classe trabalhadora significando na SD14 pela formulação de *‘A crise não espera’*, traduzida em “as contas não esperam”, “a fome não espera”, “a morte não espera”.

Neste primeiro bloco sobre o ano de 2021, identificamos processos de deslocamento dos sentidos da crise, como é o caso da SD15: *Braga Netto anuncia os novos comandantes das Forças Armadas após crise provocada por Bolsonaro*.

A notícia se refere ao

Ministério da Defesa, após Bolsonaro demitir o general Fernando Azevedo e Silva na última segunda-feira 29, como parte de uma inesperada reforma ministerial. Segundo informação que circula entre generais da reserva, Azevedo e Silva não aceitou a interferência do presidente nas Forças Armadas (Miazzo, 2021).

Esse enunciado passa a significar “crise” a partir da relação de Bolsonaro e suas ações diante do Ministério da Defesa, através de uma inesperada reforma ministerial e a reação do general Azevedo e Silva ter sido negativa.

Essas condições desembocam em sentidos sobre as intenções do Governo frente à democracia: “um dos militares que troca impressões com colegas fardados disse a Carta Capital que uma interferência do tipo significa uma ‘quebra da organização constitucional do Estado’ e ‘é inadmissível’” (Miazzo, 2021).

Observamos, assim, a revista significando essa crise como um problema paralelo às condições históricas postas pela pandemia. Ainda que esses sentidos estejam correlacionados, nessa Sequência Discursiva, a crise aparece como uma crise provocada diretamente por Bolsonaro e seus ideais como político de extrema direita; a crise como um ataque à democracia.

A SD16: *Perigosa combinação de inação e erros levará o Brasil a crise humanitária, diz estudo* aponta as consequências do agravamento da crise pelo abandono do Governo:

[...] com a falta de uma coordenação nacional, destacada no estudo como uma “perigosa combinação de inação e erros, incluindo a promoção de cloroquina mesmo sem evidências”, a doença tem o potencial de agravar ainda mais desigualdades regionais e se espalhar com velocidade e mortalidade mais devastadoras (Galvani, 2021).

Diante do trecho acima, percebemos como o comportamento do governo Bolsonaro sobressai como principal ferramenta de agravamento da crise, podendo levar o Brasil a uma crise humanitária ainda maior.

O que compreendemos desse discurso é que a crise humanitária que de fato vivemos poderia ter sido evitada caso o Brasil tivesse, nesse período, um governo que se importasse com a sobrevivência da população. Percebemos, pela sequência discursiva 17, que, no Brasil, a crise do coronavírus não é igual à crise humanitária; a primeira significa o desvelamento da segunda.

Passaremos agora para o bloco 4, que ainda traz dizeres sobre a crise durante o ano de 2021. Ressaltamos que essa divisão de blocos sobre o mesmo ano se deu pela necessidade de observar melhor as condições de produção.

Desse modo, podemos perceber um processo fásico da crise estrutural vinculada ao vírus. Dito isso, seguem as materialidades do bloco 4, também datadas no ano de 2021:

SD17: Do desgoverno à crise ambiental (mai, 2021)

SD18: Governo sabia da falta de respiradores um mês antes de crise em Manaus (jun, 2021)

SD19: Prefeitura de Manaus pediu medicamentos ineficazes durante a crise do oxigênio (jun, 2021)

SD20: Desertificação e crise hídrica põem o Brasil num caminho sombrio (ago, 2021)

SD21: Guedes minimiza crise hídrica: ‘Qual o problema? Que a energia vai ficar um pouco mais cara?’ (ago, 2021)

SD22: Crise hídrica e fantasma do racionamento revelam o preço do negacionismo (set, 2021)

SD23: Aumento de bilionários e volta da pobreza extrema no Brasil simbolizam impacto desigual da crise (set, 2021)

SD24: Mais uma crise, mais uma chance: Será o fim do neoliberalismo econômico? (out, 2021)

Gostaríamos de ressaltar que as sequências destacadas para esse bloco simbolizam majoritariamente o que falamos no bloco anterior: uma crise estabilizada, notada pelo processo de apagamento de termos como “coronavírus” e “Covid-19”. Também pontuamos que já existe nesse recorte uma relação crise/resultados e soluções da crise.

Em maio de 2021, o discurso da revista se concentrou ainda mais na retórica dos desdobramentos da crise junto das ações, ou da falta de ações do governo Bolsonaro. A primeira sequência discursiva deste bloco aponta as consequências da *perigosa combinação de inação e erros*.

Lemos, SD17: *Do desgoverno à crise ambiental*. De acordo com a revista, em 2021,

[a] imagem do Brasil continua a desabar no cenário internacional como um dos piores exemplos em administração ambiental. Os determinantes que levaram a este estado caótico incluem motivações que merecem uma criteriosa abordagem. Os dois anos e quatro meses do governo de Jair Bolsonaro foram suficientes para demonstrar quão nefasta foi sua administração para o meio ambiente e a saúde pública (Bocuhy, 2021a).

Além da saúde pública ter tido um protagonismo grande sobre a crise e a pandemia no Brasil, era de se esperar, tendo em vista que estávamos à mercê das decisões de um governo de morte, que outros setores brasileiros fossem prejudicados pela crise chamada Bolsonaro.

Conforme a revista:

A retórica antiambiental ganhou notoriedade nas manchetes dos principais veículos globais de comunicação. Todos, sem exceção, trazendo posições editoriais apontando uma episódica perda de razão no trato da administração ambiental brasileira. O processo que se seguiu levou às consequências que conhecemos. A crise ambiental decorrente chegou ao ponto de permitir que os outros detentores de florestas tropicais em processo de degradação pudessem usar o Brasil como desculpa e escudo. A Indonésia, por exemplo, vem argumentando, junto à Comunidade Europeia e em defesa das restrições à importação de seu óleo de palma, que isso não faz sentido, já que seu desmatamento é insignificante perto do que ocorre no Brasil. Afirma que cerca de 20% das importações de soja e, pelo menos, 17% da carne bovina que a Europa importa do Brasil podem estar “contaminadas pelo desmatamento ilegal” (Bocuhy, 2021a).

A relação de crise associada ao coronavírus no Brasil passa a ser o segundo plano, o processo de letalidade que vimos nas materialidades publicadas em 2020 dão lugar ao desgoverno de Bolsonaro. Ailton Krenak, em *O amanhã não está à venda* (2020), traduz esse tipo de insistência destrutiva como um exercício da necropolítica, uma decisão de morte, cuja letalidade ameaça tudo o que tem vida. Para o autor, o desgoverno humano, personificado pelo capitalismo e seu funcionamento fúnebre, é a própria crise. E “Agora esse organismo, o vírus, parece ter se cansado da gente, parece querer se divorciar da gente como a humanidade quis se divorciar da natureza” (Krenak, 2020, p. 5).

Em junho de 2021, o Brasil experimenta da pior forma o escancarar do descaso do governo Bolsonaro com a população brasileira, como denuncia a revista através da SD18: *Governo sabia da falta de respiradores um mês antes de crise em Manaus*.

A matéria diz respeito ao fato de que

[...] o governo do presidente Jair Bolsonaro foi avisado sobre a escassez de respiradores em Manaus um mês antes do colapso hospitalar na cidade. É o que revela documento enviado à CPI da Covid pelo próprio Ministério da Saúde.

De acordo com informações do UOL, o documento mostra que em um intervalo de apenas 16 dias o estado do Amazonas pediu 218 respiradores ao governo federal, evidenciando um crescimento brusco da demanda pelos equipamentos ainda em 2020. O primeiro alerta veio com um pedido feito pelo estado em 18 de dezembro de 2020, solicitando 140 novos respiradores. Já em 2 de janeiro de 2021, o governo amazonense pleiteou mais 78 aparelhos.

Em depoimento prestado à CPI da Covid, o ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, afirmou que tomou conhecimento da falta de respiradores no Amazonas somente no dia 10 de janeiro, cerca de um mês após os pedidos do estado enviados à pasta que na ocasião.

Há indícios, porém, de que Pazuello teria sido informado sobre a falta dos respiradores antes disso. A servidora do ministério, Mayra Pinheiro, por exemplo, afirmou à CPI de que o então ministro foi informado sobre a falta dos equipamentos já no dia 8 de janeiro.

A demora nas ações de socorro do governo federal ao Amazonas levou a região não apenas ao colapso hospitalar, mas também ocasionou a morte de dezenas de pessoas (CartaCapital, 2021c).

Frente a essas condições, o discurso sobre a crise no Brasil sofre mais um movimento de ruptura de sentidos (crise ambiental > crise em Manaus) para estreitar uma denúncia cuja

ligação se dá interdiscursivamente pela memória instalada sobre o vírus da Covid-19 e pela irresponsabilidade do governo Bolsonaro perante a supercontaminação que aconteceu em Manaus.

Conforme noticiou o Jornal G1, as “Investigações do Ministério Público e da Defensoria Pública apontam que mais de 60 pessoas morreram em todo o estado por conta da falta de oxigênio. Mais de 500 pacientes foram transferidos às pressas para hospitais em outros estados” (Gazel; Cruz, 2022).

A Análise de Discurso entende que o sujeito é constitutivo do que ele diz e são “essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso” (Orlandi, 2020, p. 38).

Nesse sentido, compreendemos que através do episódio da crise de Manaus, a revista Carta Capital não apenas expõe a negligência do governo Bolsonaro, mas também ressignifica a crise sanitária como uma crise política. A sequência discursiva analisada (SD19) opera uma ruptura no imaginário anterior sobre crise e pandemia (crise ambiental) para fixar novamente um novo/antigo sentido, o da crise Bolsonarista.

A paráfrase (repetição de sentidos como “negligência”, “morte” e “colapso”) e a polissemia (tensão entre “crise humanitária” e “crise econômica”) aponta como o discurso da revista estabiliza/retoma certas vozes através do caráter denunciativo. A memória discursiva sobre a Covid-19 é acionada e se atualiza no interdiscurso, tornando presente o desgoverno de Bolsonaro como um fator ainda mais latente que o vírus SARS-CoV-2.

A revista ao citar o documento enviado à CPI com o depoimento da servidora Mayra Pinheiro que afirmou ciência do ministro sobre o pedido dos respiradores produz um efeito de verdade através da autoridade dos arquivos.

Ainda sobre o mesmo tema a revista expõe outro sujeito que age sobre a situação, SD19: *Prefeitura de Manaus pediu medicamentos ineficazes durante a crise do oxigênio.*

É interessante observar como o discurso traz agora *crise do oxigênio*, cujos sentidos estão historicamente associados à *crise de Manaus*. Na sequência discursiva 18, a crise aparece complementada por Manaus, pois, assim, se justifica o discurso denunciativo: Manaus é um município brasileiro e, como lugar de direito na sociedade capitalista, está, durante pandemia da Covid-19 ou não, em instância maior, sob os cuidados do Governo Federal. Portanto, a negligência por parte do governo, a falta de atendimento aos pedidos de oxigênio, foi o que levou Manaus a um colapso sanitário.

Na sequência seguinte (SD19), a revista mostra como outra instância de direito, nesse caso a prefeitura de Manaus, também agiu/deixou de agir sobre o agravamento da situação ao realizar o pedido de medicamentos ineficazes no combate ao coronavírus.

Documentos enviados à CPI da Covid mostram que a prefeitura de Manaus, em meio ao colapso por falta de oxigênio hospitalar no começo deste ano, solicitou ao Ministério da Saúde o envio de azitromicina e ivermectina. Os medicamentos não possuem qualquer eficácia comprovada no combate ao novo coronavírus. Os ofícios foram analisados pela BBC Brasil, que revelou pedidos enfáticos da secretária municipal de Saúde de Manaus, Shadia Hussami Hauache Fraxe, pelo abastecimento dos estoques dos remédios (CartaCapital, 2021 d).

Pela alteração de sujeito, o discurso sobre o mesmo assunto desliza para *crise do oxigênio*; a revista elabora esse texto para contestar o não pedido de oxigênio por parte da prefeitura. Esses discursos caminham pela responsabilização do Estado em relação à crise de Manaus, bem como acontece na maioria dos dizeres da revista sobre a crise e a pandemia. São palavras que falam com outras e assim vão sustentando a forma-sujeito da revista.

Esse mesmo processo acontece em relação à crise hídrica, nas sequências discursivas 21, 22 e 23:

SD20: *Desertificação e crise hídrica põem o Brasil num caminho sombrio*;

SD21: *Guedes minimiza crise hídrica: 'Qual o problema? Que a energia vai ficar um pouco mais cara?'*;

SD22: *Crise hídrica e fantasma do racionamento revelam o preço do negacionismo*.

A revista mostra discursivamente como os efeitos da crise da Covid-19 vão revelando crises diversas. Na SD20, pelo poder que o capitalismo tem de transformar tudo em mercadoria, por exemplo, a crise da água no Brasil aparece como *um caminho sombrio*. Isso porque

[...] para a realidade brasileira, já se desenham os conflitos institucionais. Todo o sistema hídrico brasileiro é gerenciado pelo Operador Nacional do Sistema (ONS), cujo principal foco é a geração de energia elétrica. Além disso, a água é tratada como commodity, um recurso natural mensurado por mecanismos econômicos. Daí decorre o próprio nome “recurso” hídrico, que acabou por distanciar-se de sua essência: a água, elemento essencial a todas as espécies vivas.

[...]

No governo de Jair Bolsonaro a participação social foi praticamente extinta ou neutralizada nas esferas federais. Bolsonaro montou um aparato de governo autoritário, inchando as instâncias governamentais com mais de seis mil militares, extinguindo e reduzindo conselhos. A perspectiva de que as instituições federais tenham bons ouvidos para a percepção social na gestão pública da água é simplesmente nula. Então, é de se esperar que o governo priorize o favorecimento de setores que estão imbricados em sua base política, como o agronegócio e o setor industrial. Também tenderá a priorizar a produção de energia em detrimento dos usos mais nobres de abastecimento humano (Bocuhy, 2021b)³.

³ Disponível: <https://cartacapital.com.br/opiniao/desertificacao-e-crise-hidrica-poem-o-brasil-num-caminho-sombrio/>.

Ainda que em tempos de pandemia da Covid-19, a revista reconhece a crise como sendo uma problemática maior que se relaciona em categorias distintas da sociedade de classes. E, apesar desse movimento gerar polissemias, também estabiliza a posição da revista frente aos acontecimentos no Brasil.

Na sequência discursiva 21, a revista diz:

O ministro da Economia, Paulo Guedes, tentou minimizar nesta quarta-feira 25 o impacto da crise hídrica sobre a “retomada” da atividade econômica. Ele se referiu à situação como uma “nuvem no horizonte” da suposta recuperação. (CartaCapital, 2021e).

O que o ministro, à época, chamou de “nuvem no horizonte” para a crise hídrica, a revista chama de “caminho sombrio”. O trabalho da revista ao dar sentidos à crise caminha no sentido oposto à ideia de que a crise “é só uma fase” e que “estamos todos no mesmo barco”. Isso fica evidente pela forma como o discurso se apresenta colado a uma ideologia marcada historicamente pela luta de classes. Exemplo disso é a sequência discursiva 23 que aponta como o preço da intensificação da crise do capitalismo aliada ao governo Bolsonaro, no Brasil, gerou o desmonte da sobrevivência da classe trabalhadora. Podemos ler a crise, então, como fruto do negacionismo.

A SD23 resume como a redistribuição da miséria renova os votos da crise do capitalismo: *Aumento de bilionários e volta da pobreza extrema no Brasil simbolizam impacto desigual da crise.*

De um lado, 42 novos bilionários, em plena pandemia. De outro, a pobreza extrema não para de subir. A divulgação da nova lista da revista Forbes, com alta no número de bilionários no Brasil, acontece semanas depois de cenas de pessoas comprando ossos para fazer sopa gerarem comoção no País. O que explica tanta desigualdade? (CartaCapital, 2021g)⁴.

Logicamente, segundo Mészáros (2011), quanto mais o capitalismo se aproxima dos limites de suas crises estruturais mais visualizamos o processo de miserabilidade da classe trabalhadora.

Lenin reitera a tese marxiana segundo a qual o Estado é, por sua natureza, um órgão de dominação de classe; um órgão cujo princípio fundamental é a opressão de uma classe por outra; um órgão cuja função se manifesta concretamente como a “ordem” que legaliza e garante tal opressão (Andrade, 2012, p. 12).

Significa dizer que o contraste realizado na materialidade 24 se dá justamente pelo levantamento do discurso crítico ao caráter estrutural da crise que atinge as classes de modos

⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/aumento-de-bilionarios-e-volta-da-pobreza-extrema-no-brasil-simbolizam-impacto-desigual-da-crise/>.

particulares. Os deslocamentos discursivos da revista em relação à crise atestam o perfil dúbio e contraditório da sociedade de classes.

Na sequência 24 temos um referencial à memória histórica ativado pelo texto *mais uma crise, mais uma chance*. O que nos faz recorrer à afirmação de que outras crises existiram e também outras “chances”, mas chances de quê?

A formulação de sentido que circula nesse modo de dizer é assegurada porque para que as palavras tenham sentido elas já precisam fazer sentido (Orlandi, 2020). Desse modo, para a AD, nessa materialidade, o que não se diz também é dito e inserido num conjunto de dizeres que se concretizam pela história e pela ideologia, ou seja, mesmo o que não está explícito no discurso significa.

Para contextualizarmos esse ponto da análise, destacamos um trecho da matéria que dá corpo à SD24:

O período entre dezembro de 2007 e julho de 2009 entrou para a história econômica mundial como a Grande Recessão. Se a recessão não foi tão dramática como a Grande Depressão da década de 1930, isso se deveu à rápida intervenção dos bancos centrais, que momentaneamente abandonaram as recomendações dos manuais de macroeconomia. Em 2020, com a crise sanitária da Covid-19, uma nova crise econômica se instalou mesmo antes de uma plena recuperação do abalo econômico de 2007-2009. Novamente os bancos centrais tiveram de intervir de forma não convencional (Antoninoli; Sampaio; Feijó, 2021)⁵.

Em relação à mais recente crise econômica, antes mesmo do aparecimento do vírus SARS-CoV-2, Iuri Tonelo (2021, p. 8) ressalta que “a chamada Grande Recessão, foi a expressão da falência da dinâmica de acumulação do capital internacional durante quase três décadas, período conhecido como neoliberalismo”. A partir desse contexto podemos pensar a SD25 como um amplo processo de acesso às experiências pelas quais o Brasil e o mundo passaram diante das crises, sobretudo diante da última crise. Nesse ponto, a materialidade discursiva analisada parece jogar com os sentidos de mudanças que vão contra as estratégias neoliberais de recuperação da crise.

Pensando por essa perspectiva e levando em consideração que em outubro de 2021, mês de publicação da matéria, o Brasil, mesmo com o avanço da vacinação, era o terceiro no *ranking* de mortes diárias por Covid-19 no Mundo, compreendemos que “mais uma chance” diz respeito à oportunidade de superação do próprio sistema capitalista, pois, conforme comenta Mészáros

⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/observatorio-banco-central/mais-uma-crise-mais-uma-chance-sera-o-fim-do-neoliberalismo-economico/>.

(2011), esperar uma solução feliz das estratégias de resgate do Estado capitalista seria uma grande ilusão.

Diante disso, pensamos que esta última SD nos deixa uma mensagem para que possamos repensar o nosso modo de vida longe das estratégias capitalistas. O interdiscurso em *mais uma crise, mais uma chance* nos diz que crise também é oportunidade de mudança/ruptura/transformação.

4 CONCLUSÕES

Durante nosso percurso analítico foi possível observar que os sentidos não pertencem à palavra e sua relação não se dá com a literalidade, o sentido é, pois, determinado pelo jogo histórico onde as palavras são produzidas (Pêcheux, 2014).

Partindo dessa ideia para chegar à discursividade, entendemos que a revista Carta Capital significa majoritariamente a crise econômica e pandêmica por uma posição progressista; onde a língua funciona como ferramenta denunciativa dos males gerados pelo capitalismo.

O início da *crise do coronavírus* no Brasil aliado ao desgoverno de Jair Bolsonaro nos mostrou que enquanto vivermos na desigualdade não há esperança de uma mudança concreta. Pensando dessa forma, toda a nossa estrutura simbólica está sempre em risco.

A revista mostra como a sociedade de classes tem o poder de se manifestar diferentemente frente às crises, seja pela polissemia — que mobiliza os sentidos de crise a categorias diversas da sociedade brasileira — seja pela paráfrase que, do lado da estabilização, retorna o discurso da revista a discursos já postos.

Além desses aspectos, podemos destacar o processo discursivo cujo traço traz às materialidades um caráter denunciativo e revela a não transparência da língua, uma vez que a ação de noticiar ou informar também é atravessada pelo histórico e o ideológico.

O discurso sobre a crise, nessas condições, torna-se um objeto de estudo vasto, pois amplia nossa visão frente às consequências da desigualdade no Brasil. Além de revelar a exploração do trabalho, o descaso com a vida da classe trabalhadora e o poder do capitalismo em transformar tudo em mercadoria.

Pela memória histórica é possível notar também que o Estado, mesmo representado em momentos da história por apoiadores dos trabalhadores e cientistas, em nada modifica a atuação do capitalismo. O Estado, nesse sentido, é mais uma ferramenta da lógica reprodutiva do capital e suas exigências acumulativas (Paniago, 2012).

Portanto, destacamos que, por ser crítico e denunciativo, o discurso da revista não romantiza o futuro dessa sociedade, ao deixar evidente que não há esperança nesse modo de vida, ou, ao menos, não há caminhos de esperança para as classes desprivilegiadas.

Nossa sobrevivência, nosso sorriso, nossos sonhos estão em crise o tempo inteiro pelas diversas formas que o sistema capitalista tem de nos vencer. Ressignificando o que diz Krenak (2020) sobre os conflitos entre a humanidade e a natureza, concluímos que o capitalismo aliado a forças macabras, como o governo Bolsonaro, é muito mais letal e devastador na sua duração do que a Covid-19.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mariana Alves de. De Marx a Mészáros: a inseparável relação entre o Estado e a reprodução do capital. PANIAGO, M. C. S (org.). **Marx, Mészáros e o Estado**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

ANTONIOLLI, T.; SAMPAIO, A. V.; FEIJÓ, C. Mais uma crise, mais uma chance: Será o fim do neoliberalismo econômico?. **Carta Capital**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/observatorio-banco-central/mais-uma-crise-mais-uma-chance-sera-o-fim-do-neoliberalismo-economico/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

ANTUNES, R. **Capitalismo pandêmico**. São Paulo: Boitempo, 2022.

BATISTA JUNIOR, P. N. Nossos dramas atuais – economia travada, crise sanitária, impeachment de Bolsonaro. **Carta Capital**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/artigo/nossos-dramas-atuais-economia-travada-crise-sanitaria-impeachment-de-bolsonaro/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

BOCUHY, C. Do desgoverno à crise ambiental. **Carta Capital**, [s. l.], 2021a. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/do-desgoverno-a-crise-ambiental/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BOCUHY, C. Desertificação e crise hídrica põem o Brasil num caminho sombrio. **Carta Capital**, [s. l.], 2021b. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/desertificacao-e-crise-hidrica-poem-o-brasil-num-caminho-sombrio/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BOULOS, G. Boulos: a destruição da ciência no Brasil não é crise, mas projeto. **Carta Capital**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/boulos-a-destruicao-da-ciencia-no-brasil-nao-e-crise-mas-projeto/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Princípios. **Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/principios/>. Acesso em 12 dez. 2023a.

CARTACAPITAL. Manifesto. **Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/editora/cartacapital/>. Acesso em 12 dez. 2023b.

CARTACAPITAL. Coronavírus em São Paulo: governo cria comitê de crise e monitora casos suspeitos. **Carta Capital**, [s. l.], 2020a. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/coronavirus-em-sao-paulo-governo-cria-comite-de-crise-e-monitora-casos-suspeitos/>. Acesso em: 06 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Em meio à crise do coronavírus, Bolsonaro convoca “panelaço” a favor do governo. **Carta Capital**, [s. l.], 2020b. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/em-meio-a-crise-do-coronavirus-bolsonaro-convoca-panelaco-a-favor-do-governo/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Bolsa brasileira tem o pior desempenho do mundo com a crise do coronavírus. **Carta Capital**, [s. l.], 2020c. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/economia/bolsa-brasileira-tem-o-pior-desempenho-do-mundo-com-a-crise-do-coronavirus/>. Acesso em: 03 dez. 2023.

CARTACAPITAL. BNDES vai desembolsar 55 bilhões para ajudar empresas na crise. **Carta Capital**, [s. l.], 2020d. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/bndes-vai-desembolsar-55-bilhoes-para-ajudar-empresas-na-crise/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Em meio à crise do coronavírus, Planalto lança campanha “O Brasil não pode parar”. **Carta Capital**, [s. l.], 2020e. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/em-meio-a-crise-do-coronavirus-planalto-lanca-campanha-o-brasil-nao-pode-parar/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Crise? Bilionários da área da saúde ficam ainda mais ricos na pandemia. **Carta Capital**, [s. l.], 2021a. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/crise-bilionarios-da-area-da-saude-ficam-ainda-mais-ricos-na-pandemia/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Centrais sindicais cobram auxílio emergencial de R\$ 600: ‘A crise não espera’. **Carta Capital**, [s. l.], 2021b. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/centrais-sindicais-cobram-auxilio-emergencial-de-r-600-a-crise-nao-espera/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Governo sabia da falta de respiradores um mês antes de crise em Manaus. **Carta Capital**, [s. l.], 2021c. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/governo-sabia-da-falta-de-respiradores-um-mes-antes-de-crise-em-manaus/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Prefeitura de Manaus pediu medicamentos ineficazes durante a crise do oxigênio. **CartaCapital**, 2021d. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/prefeitura-de-manaus-pediu-medicamentos-ineficazes-durante-a-crise-do-oxigenio/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Guedes minimiza crise hídrica: ‘Qual o problema? Que a energia vai ficar um pouco mais cara?’. **Carta Capital**, [s. l.], 2021e. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/guedes-tenta-minimizar-crise-hidrica-qual-o-problema-agora-que-a-energia-vai-ficar-um-pouco-mais-cara2/>. Acesso em: 03 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Crise hídrica e fantasma do racionamento revelam o preço do negacionismo. **Carta Capital**, [s. l.], 2021f. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/crise-hidrica-e-fantasma-do-acionamento-revelam-o-preco-do-negacionismo/>. Acesso em: 14 dez. 2023.

CARTACAPITAL. Aumento de bilionários e volta da pobreza extrema no Brasil simbolizam impacto desigual da crise. **Carta Capital**, [s. l.], 2021g. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/aumento-de-bilionarios-e-volta-da-pobreza-extrema-no-brasil-simbolizam-impacto-desigual-da-crise/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

COURTINE, J-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos/SP: EdUFSCar, 2009.

FÉLIX, F. Empatia, esperança e fé: o que podemos aprender com a crise do coronavírus. **Carta Capital**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/empatia-esperanca-e-fe-o-que-podemos-aprender-com-a-crise-do-coronavirus/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

GALVANI, G. “Momento de guerra”, dizem governadores do NE sobre crise do coronavírus. **Carta Capital**, [s. l.], 2020a. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/momento-de-guerra-dizem-governadores-do-ne-sobre-crise-do-coronavirus/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

GALVANI, G. Governo corta Bolsa Família de 158 mil famílias em meio à crise do coronavírus. **Carta Capital**, [s. l.], 2020b. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/governo-corta-bolsa-familia-de-158-mil-familias-em-meio-a-crise-do-coronavirus/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

GALVANI, G. Perigosa combinação de inação e erros levará o Brasil a crise humanitária, diz estudo. **Carta Capital**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/saude/perigosa-combinacao-de-inacao-e-erros-levara-o-brasil-a-crise-humanitaria-diz-estudo/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

GAZEL, A. S.; CRUZ, V. Crise do oxigênio no Amazonas completa um ano com impunidade e incerteza causada pela ômicron. **G1 GLOBO**, Amazonas, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2022/01/14/crise-do-oxigenio-no-amazonas-completa-um-ano-com-impunidade-e-incerteza-causada-pela-omicron.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2023.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

KRENAK, A. A. L. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARQUES, R. M; LEITE, M. G; BERWIG, S. E; DEPIEI, M. A. de L. **Pandemias, crise e capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MIAZZO, L. Braga Netto anuncia os novos comandantes das Forças Armadas após crise provocada por Bolsonaro. **Carta Capital**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/braga-netto-anuncia-os-novos-comandantes-das-forcas-armadas-apos-crise-provocada-por-bolsonaro/>. Acesso em: 03 dez. 2023.

OLIVEIRA, T. R. Crise do coronavírus pode custar ao Brasil quase 15 milhões de empregos. **Carta Capital**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/crise-do-coronavirus-pode-custar-ao-brasil-quase-15-milhoes-de-empregos/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

OMS. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Organização Pan-Americana da Saúde, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 20 dez. 2020.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PANIAGO, C. **Mészáros e a incontrollabilidade do capital**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012a.

PANIAGO, C. Keynesianismo, neoliberalismo e os antecedentes da “crise” do Estado.

PANIAGO, M. C. S (org.). **Marx, Mészáros e o Estado**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012b.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

RAMIRES, L. **Eles conseguiram**: os sentidos de “sucesso” no jornalismo de televisão. Maceió: EDUFAL; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.

RONDÓ, M. Na crise do coronavírus, Bolsonaro e seu desgoverno estão do lado da morte. **Carta Capital**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/na-crise-do-coronavirus-bolsonaro-e-seu-desgoverno-estao-do-lado-da-morte/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

TONELLO, I. **No entanto, ela se move**. São Paulo: Boitempo, 2021.

VIVA BEM. **Tire as principais dúvidas sobre covid-19, doença causada pelo coronavírus**. Viva Bem Uol, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/01/25/tire-suas-principais-duvidas-sobre-o-coronavirus-que-se-espalha-pelo-mundo.htm>. Acesso em: 20 dez. 2023.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00068820>. Acesso em: 16 dez. 2023.